

O discurso sobre o museu e os sentidos do espaço urbano

Discourse about the museum and the meanings of urban space

Eduarda Deitoss¹
Maria Cleci Venturini²
Maria Cláudia Teixeira³

Resumo: Neste artigo, analisamos as narrativas museológicas, mais especificamente, do Museu Histórico de Entre Rios, pertencente ao município de Guarapuava, PR. Estas narrativas estão presentes no documentário intitulado “Museus, arquivos: lugares de memória no/do espaço urbano” (2016) e, a partir delas, buscamos compreender como se constituem os dizeres e os saberes sobre o museu e como este, ao ser significado, significa a cidade. O embasamento teórico vem da Análise de Discurso de linha francesa proposta por Michel Pêcheux e desenvolvida no Brasil por Eni Orlandi, bem como os estudos acerca de museus e arquivos, pela perspectiva discursiva e áreas afins. Nossas análises apontam que o Museu Histórico de Entre Rios, embora constitua evidências de possíveis verdades acerca do passado e da organização da vida dos suábios, constitui-se em espaço construído por sujeitos filiados a uma formação discursiva.

Palavras-chave: Museu; memória; narrativas museológicas; espaço urbano.

Abstract: In this article, we analyze the museological narratives, more specifically, from the Historical Museum of Entre Rios, belonging to the municipality of Guarapuava, PR. These narratives are present in the documentary entitled “Museums, archives: places of memory in / of the urban space” (2016) and, based on them, we seek to understand how the sayings and knowledge about the museum are constituted and how it, when it is signified, means the city. The theoretical basis comes from the French Discourse Analysis proposed by Michel Pêcheux and developed in Brazil by Eni Orlandi, as well as studies about museums and archives, from the discursive perspective and related areas. Our analyzes indicate that the Historical Museum of Entre Rios, although constituting evidence of possible truths about the past and the organization of the life of the Swabians, constitutes a space built by subjects affiliated to a discursive formation.

Keywords: Museum; memory; museological narratives; urban space.

Introdução

O estudo sobre o qual nos debruçamos toma como *corpus* o documentário *Museus, arquivos: lugares de memória no/do espaço urbano* (2016), produzido pelo Nead Audiovisual, setor de vídeos do Núcleo de Educação a Distância, da Universidade Estadual do Centro-Oeste, UNICENTRO, planejado pela equipe do projeto “Museus,

¹ Graduada em Letras Português e Literaturas de Língua Portuguesa pela Universidade Estadual do Centro-Oeste - UNICENTRO. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/1759131623456236>. E-mail: eduardadeitoss93572@gmail.com

² Doutora em Estudos Linguísticos pela Universidade Federal de Santa Maria - UFSM. Professora do Departamento de Letras da Universidade Estadual do Centro-Oeste - UNICENTRO. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/6904278999384343>. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-5576-2745>. E-mail: mariaacleciventurini@gmail.com.

³ Doutora em Estudos Linguísticos pela Universidade Estadual de Campinas - UNICAMP. Professora do Departamento de Letras da Universidade Estadual do Centro-Oeste - UNICENTRO. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/0356358232155798>. ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-9216-9396>. E-mail: m_teixeira5@yahoo.com.br

Arquivos: Lugares de Memória no/do Espaço Urbano”, coordenado pela professora doutora Maria Cleci Venturini e desenvolvido juntamente com a professora orientadora do projeto, Maria Cláudia Teixeira e as bolsistas Sandy Karine Lima dos Santos Semczeszm, Paula Fernandes e a bolsista técnica Luciane Munhoz Stefany, junto ao Laboratório de Estudos Linguísticos e Literários (LABELL/UNICENTRO).

Este documentário resulta de problematizações realizadas acerca dos museus e de arquivos como lugares de memórias, desenvolvidas durante o projeto apoiado pela SETI (Superintendência Geral de Ciência, Tecnologia e Ensino Superior) e do Projeto produtividade da professora Maria Cleci Venturini, apoiado pela Fundação Araucária. O objetivo dos projetos foi compreender de que maneira os museus: o Museu Histórico de Entre Rios; o Museu do Pinhão e o Museu Municipal Visconde de Guarapuava, constituem o espaço urbano como parte do imaginário da cidade. O projeto financiado pela Fundação Araucária: *Museus, arquivos históricos e imaginário urbano* (2014-2016) e o projeto Produtividade apoiado pela Secretaria de Ciência, Tecnologia e Ensino Superior: *Museus e arquivos: lugares de memória no/do espaço urbano* (2016) objetivaram a compreensão dos museus que guardam memórias, especialmente da cidade, e colocam a história em destaque em relação ao espaço e, também, em relação aos sujeitos, que nascem e recebem uma certidão de nascimento e, quando morrem, recebem uma certidão de óbito, marcando a sua passagem pelo mundo e pela história.

Desta maneira, interessa-nos entender como estes espaços contribuem para a construção da memória coletiva das cidades, centrando-nos no Museu Histórico de Entre Rios (MH), que busca dar visibilidade a patrimônios culturais expostos à visitação e colaboram para a narratividade do museu, da cidade de Guarapuava e, mais especificamente, das Colônias de Entre Rios. Colocamos em suspenso as narrativas museológicas que são apresentadas pelos museus, considerando que, conforme nos ensinam Pêcheux ([1969] 2014) e Orlandi (2005), os sentidos sempre podem ser outros, tendo em vista a não transparência da linguagem.

Centrando-nos no MH, problematizamos os modos como os espaços [museológicos] contribuem para a construção da memória coletiva da cidade e para responder essa problematização, delineamos os seguintes objetivos: (i) compreender como o espaço-museu, especificamente o Museu Histórico de Entre

Rios, contribui na construção da memória coletiva da cidade, da colônia Entre Rios; (ii) analisar o discurso do museu através dos materiais e acervos expostos para compreender como representam a identidade de um povo; (iii) analisar o discurso de Viviane Schussler presente no documentário “Museus, arquivos: lugares de memória no/do espaço urbano” (2016), pensando em como esses dizeres, ao serem significados, estão representando a cidade Guarapuava, a colônia Entre Rios e o povo Suábio.

Teórico-metodologicamente inscrevemo-nos na Análise de Discurso, doravante (AD), desenvolvida na França durante os anos 60 pelo filósofo Michel Pêcheux, cujo início formal deu-se com a publicação da obra *Análise Automática do Discurso* (1969). No Brasil, na década de 1970, Eni Orlandi foi quem deu continuidade à teoria, apresentando e difundindo a AD de linha pecheuxtiana aos brasileiros.

O trabalho divide-se, em três partes, além das considerações iniciais e das considerações finais: na primeira parte trazemos as condições de produção, bem como as demais noções teóricas demandadas pelas análises, constituindo uma rede teórica; na segunda tratamos da fundação do museu, do seu funcionamento e, na terceira parte, ancoradas nas noções teóricas e no museu como lugar de memória, apresentamos as análises de três sequências discursivas, duas recortadas do documentário tomado como *corpus* e uma terceira composta pelo enunciado de uma placa afixada no museu.

Condições de produção, discursos e memórias: rede conceitual

Essa primeira seção do artigo encaminha para a constituição de uma rede teórica que fundamenta as análises, tendo como fio condutor a problematização delimitada – “Como os espaços [museológicos] contribuem para a construção da memória coletiva da cidade?” – e os objetivos propostos.

De acordo com Orlandi (2004, p. 28), a AD “se interessa pela linguagem tomada como prática: mediação, trabalho simbólico, e não instrumento de comunicação”. Nessa perspectiva, segundo a autora, as regularidades realizam-se pela relação contraditória da linguagem com a exterioridade. Assim,

[...] não partimos como na análise do conteúdo, da exterioridade para o texto, ao contrário, procuramos conhecer esta exterioridade pela

maneira como os sentidos se trabalham no texto, em sua discursividade. É afinal essa noção de exterioridade que, ao se especificar na AD, transforma a noção de linguagem, pensando sua forma material, deslocando também a própria noção de social, de histórico, de ideológico. (ORLANDI, 2004, p. 29).

Esse campo disciplinar desloca o social, o histórico e o ideológico, e junto a eles transforma-se a noção de sujeito e a forma de interpretar a partir do trabalho com processos de constituição da linguagem e da ideologia, buscando, não o conteúdo, mas os mecanismos de produção de efeitos de sentidos, que se marcam, assim como os sujeitos, pela incompletude. Desse ponto de vista, os museus não comportam memórias saturadas e nem podem ser tomados como um espaço completo, concreto e real, pois não há como abarcar todas as memórias neste lugar sem considerar o funcionamento da memória na perspectiva discursiva, compreendendo, junto com essa memória, o sujeito e a ideologia.

O arcabouço teórico da Análise de Discurso tem como ponto nodal a noção de condições de produção, que é compreendida em dois contextos: o estrito e o amplo. O contexto estrito remete ao contexto imediato e às condições de enunciação, abrangendo os sujeitos e a situação. Já no sentido amplo, as condições de produção não se restringem aos fatores imediatos, mas englobam o imaginário, já-dito, e a memória, ou seja, incluem o contexto sócio-histórico e ideológico. Como afirma Teixeira (2017, p. 934):

[...] falar em condições de produção é levar em conta todos os fatores de construção do discurso: quem diz, o quê, para quem, como, por que, como são postos em circulação os já-ditos e a memória, que retornam e dão sustentação ao dizer como discurso.

Diante disso, a noção de condições de produção é fundamental para discutir as exposições no museu e a memória funcionando nesse lugar. Disso se pode compreender a narrativa museológica e a relação constitutiva com o sujeito que a constitui pela língua na história.

Na produção dos discursos, os sujeitos realizam gestos de interpretação, pela organização e pela estruturação dos arquivos. No caso do Museu Histórico de Entre Rios, os sujeitos imbricados à produção da “montagem” material do arquivo, os “curadores” podem funcionar como sujeito-porta voz, tendo em vista a seleção de

arquivos no museu, deixando de lado arquivos que a partir da sua seleção não significam como memória. Destacamos o sujeito porta-voz como aquele que fala em nome de e constitui um 'nós', conforme Venturini (2012).

O sujeito porta-voz assume posições e realiza o controle da memória coletiva de um grupo. Apesar da ilusão de gerenciamento de sentidos ser significado como homogêneo e a linguagem vista como transparente, na Análise de Discurso se entende que a língua falha e falta, pois o trabalho da língua na história ocorre a partir de sujeitos inscritos em uma formação discursiva (FD), que determina o que deve ser dito/exposto/arquivado.

As formações discursivas, na AD, são normatizadoras do discurso. A inserção do sujeito em uma FD ressoa na linguagem as formações ideológicas e, neste funcionamento, a FD se estabelece como o lugar material da ideologia, conforme nos ensina Pêcheux (2014). De acordo com Orlandi (2005, p. 43), a formação discursiva “se define como aquilo que em uma formação ideológica dada - ou seja, a partir de uma posição dada em uma conjuntura dada- determina o que pode e deve ser dito”, sendo assim, os sentidos serão pré-determinados ideologicamente, construídos nas e pelas formações discursivas.

No funcionamento da linguagem, conforme Orlandi (2005, p. 36), o discurso se assenta na tensão entre processos polissêmicos e parafrásticos em um funcionamento no qual a paráfrase consiste na repetição, constituída pelo que vem do interdiscurso a partir das filiações e inscrições dos sujeitos em formações discursivas, em que assumem posições-sujeito e é a partir dessas filiações que retornam e significam os já-ditos, atualizando o dizer, de modo que o mesmo retorne, constituindo redes.

Na AD, a paráfrase vem pela repetição, pelo interdiscurso, recuperando os já-ditos, atualizando o dizer, de modo que o mesmo retorne, constituindo redes. Orlandi (2005, p. 15) diz que “a paráfrase é a reiteração do mesmo”, já a polissemia possibilita a multiplicidade de sentidos, um deslocamento do mesmo e o indicativo da ruptura em função da produção de sentidos diferentes. Deste modo, é a polissemia que desloca o sentido e o aponta para a criatividade, fazendo intervir o diferente. Essas duas forças trabalham lado a lado na constituição do dizer, neste jogo entre o mesmo (paráfrase) e o diferente (polissemia), entre o já-dito e o novo dizer, que os sujeitos discursivos e os sentidos movimentam-se e (re) significam.

A paráfrase e a polissemia referem-se ao que Pêcheux ([1990] 2002) chama de movimentação dos sentidos, em que “um enunciado é intrinsecamente suscetível de tornar-se outro, diferente de si mesmo, de deslocar-se discursivamente de seu sentido para derivar outro”. (PÊCHEUX, [1990] 2002, p. 53). Todo sujeito discursivo na AD, se inscreve em uma formação discursiva, que representa na linguagem as formações ideológicas, isto quer dizer que os sentidos sempre são definidos ideologicamente, e eles, os sentidos, não estão predeterminados na língua, mas se encontram construídos nas/pelas formações discursivas.

Nesse campo teórico, o objeto de estudos é o discurso, o qual, segundo Pêcheux ([1969] 2019, p. 39), não trata “necessariamente da transmissão de informação entre A e B, mas, de modo mais geral, de um ‘efeito de sentidos’ entre os pontos A e B”. O discurso, na AD, é tomado como objeto de estudo, não somente os textos escritos, mas qualquer manifestação de linguagem verbal e/ou não verbal que produz sentidos. Segundo Orlandi (2005, p. 21), todo discurso é definido como uma relação de efeitos de sentidos entre os sujeitos simbólicos, e não nas palavras. Desta maneira, todo dizer emite efeitos de sentidos, pois são produzidos em condições determinadas e que estão presentes na maneira como se diz.

Com isso, compreendemos que “[...] a ideologia interpela os indivíduos em sujeitos” (PÊCHEUX; FUCHS, 1997, p. 167). Em outras palavras, não existe um discurso sem sujeito e nem sujeito sem ideologia, pois o sujeito sempre se inscreve em uma ideologia, marcando suas posições no discurso. Há, portanto, um sujeito discursivo, que é interpelado pela ideologia e atravessado pelo inconsciente.

A partir destas noções teóricas da Análise de Discurso: discurso, lugar de memória, condições de produção, formação discursiva, polissemia e paráfrase, analisaremos três sequências discursivas recortadas do nosso *corpus*, o documentário “Museus, arquivos: lugares de memória no/do espaço urbano” (2016) e uma delas presente no MH, e assim responderemos à questão norteadora. Para isso, a seguir, faremos uma apresentação do Museu Histórico de Entre Rios, constitutivo do nosso trabalho.

O Museu histórico de Entre Rios

O objeto discursivo que elegemos para este estudo é o museu Histórico de Entre Rios, focalizando nas narrativas museológicas. Neste sentido, compreendemos que os museus, enquanto lugares de memória significam não só pela narratividade, mas também pelo que não está dito, mas significa.

O Museu Histórico de Entre Rios possibilita compreender, pelo retorno de memórias e de discursos, os dizeres e os saberes sobre a cidade e sobre os sujeitos. Desse modo, buscamos o discurso de Viviane Schussler, curadora do MH, pensando no modo como estes dizeres, ao serem significados, significam/representam o museu, a cidade e os suábios, dando visibilidade aos imigrantes que chegaram a Guarapuava na década de 50, do século XX e, segundo o que se pode ver no espaço público das colônias, esses imigrantes venceram pelo trabalho, o que fica visível pela aproximação *arado e espada*, em um monumento da colônia, apresentado por Bernardim (2013, p. 105).

É importante dizer que o Museu Histórico de Entre Rios tem como centro as colônias, que ao mesmo tempo estão e não estão em Guarapuava, já que é um distrito da cidade. Tendo em vista essa constatação, colocamos em suspenso, também, a definição de cidade, de Estado e de Nação.

Adotamos os museus como espaços memoriais, os quais propagam suas narrativas discursivas determinantes de um espaço, assim, rompendo com a repetibilidade (paráfrase), produzindo novos sentidos e (re)significando os objetos e os acervos expostos (polissemia). Ao trabalhar com museus temos, a partir do senso comum, a definição desses espaços como lugar onde se “guardam” as coisas antigas, ou seja, a memória de um povo em determinado tempo da história.

Na perspectiva discursiva, o senso comum é colocado em suspenso e deixamos de buscar os conteúdos e nos centramos no modo como os efeitos de sentidos se constituem, buscando os mecanismos linguísticos e discursivos que sinalizam para o que pode ser *rememorado/comemorado* a partir do discurso que se constitui nesses espaços memoriais e se tornam visíveis nas/pelas visitas.

Da posição teórica centrada nos estudos discursivos, tomamos o Museu Histórico de Entre Rios como um lugar de memória, pois sua fundação foi levada pelo anseio em manter visível e “viva” a história e o percurso dos imigrantes suábios em terras brasileiras, assim, o MH visa à produção de conhecimentos, a partir dos arquivos expostos, os quais “conservam” memórias e acontecimentos do passado e

do presente, a “Nova” Pátria dos Suábios em relação ao que é posto pelo museu como “Antiga” Pátria. De acordo com Venturini (2009), o lugar de memória no viés discursivo:

[...] não é natural, nem artificial, decorre do desejo de “fazer memória”, mas também da repetição o que resulta em efeitos de verdade, dados pela legitimação e sustentação institucional. [...] o lugar de memória é material, funcional e simbólico, que pode ser definido como um depósito de arquivos, que aparentemente guardam vestígios históricos de memórias que não existam mais e, que por isso, necessitam de um lugar para lembrá-los. (VENTURINI, 2009, p. 71-72).

O museu, neste sentido, funciona não somente como o depositário de arquivos e de memórias. Essa é uma evidência decorrente do trabalho da ideologia que faz com que pareça que o acervo satura a memória e de que o sentido é sempre evidente. O espaço museológico, conforme Venturini (2009, p. 33), “faz funcionar o imaginário dos sujeitos em relação a eles mesmos, ao espaço e ao patrimônio que os constitui como sujeitos”, instaurando e ressignificando a cidade.

Para Orlandi (2014, p. 2), os espaços memoriais são as instituições sociais que exercem funções significativas no âmbito social e cultural do espaço urbano, fazendo funcionar o discurso da contemporaneidade, que fomenta questões sobre o funcionamento do presente. Essa memória acondicionada pelo museu é gerenciada, coordenada por instituições e/ou por sujeitos que se vinculam a elas. Venturini (2009, p. 34) destaca que através da rememoração os sentidos institucionalizados circulam no eixo da formulação pelo que ressoa como memória e assim realiza-se pelas coerções sociais imputadas a grupos.

Desse modo, nos distanciamos da ideia de museu preponderante no século XIX, em que eram idealizados como “arcabouços do passado e guardiões da verdade”, onde estava exposta a “história oficial”. Para Venturini (2009, p. 58), o museu significa como lugar de memória “[...] tomado como arquivo, mas não no sentido estático da institucionalização da memória comemorativa, porque não é somente um campo de documentos pertinentes sobre um nome ou objeto”. É neste sentido que a memória trabalha em relação às materialidades que são tidas como representações do passado dentro do museu, pois elas atuam como rememoração ou comemoração, como datas festivas, monumentos, documentações. Ainda segundo

Venturini (2009, p. 66), o lugar de memória inscreve espaços públicos urbanos “na ordem do simbólico e faz retornar enunciados já-ditos, significados, mas esquecidos”.

O Museu Histórico de Entre Rios sustenta uma memória sócio-histórica e discursiva da “Velha Pátria” dos suábios e também uma “Nova Pátria” sendo o Brasil. Neste entremeio do funcionamento da memória, o vai e vem entre o passado e o presente, repercute efeitos de sentidos nos discursos de imigração. Ele funciona como um lugar de memória para os suábios, antigos habitantes de origem alemã, que viviam às margens do rio Danúbio na Europa e após a Segunda Guerra Mundial, vieram para o Brasil. A Instituição Filantrópica *Ajuda Suíça para a Europa* (Schweizer Europahilfe) organizou um projeto como alternativa de vida para grupos de suábios que se concentravam na Áustria, que visava à constituição de uma cooperativa agrícola no Brasil, abrindo caminhos para um novo futuro. Cerca de 500 famílias se cadastraram neste projeto.

Deste modo, ocorreu a fundação da Cooperativa Agrária e a colonização da comunidade de Entre Rios, distrito de Guarapuava-PR. A Cooperativa foi fundada em terras brasileiras no dia 05 de maio de 1951, no Hotel Central, em Guarapuava-PR, contando com a ajuda financeira da Suíça que, em Entre Rios, adquiriu um território com cerca de 22 mil hectares de terras. Os suábios que participaram do processo de imigração para o Distrito de Entre Rios tornaram-se cooperados e com suas contribuições trabalhistas pagavam as terras recebidas para a Cooperativa Agrária⁴. Segundo as informações do *site*, os suábios tiveram muitas dificuldades nos primeiros anos com perdas de safra, com a falta de infraestrutura, mas como observaremos nas sequências discursivas analisadas, *venceram pelo trabalho, através do arado e não pela espada*.

O Museu Histórico de Entre Rios foi reinaugurado em 5 de janeiro de 2012, nele são preservados objetos históricos e documentos da etnia suábia, expostos para a visita por meio de tecnologia interativa em um ambiente modernamente estruturado. Com a tecnologia utilizada é possível que, durante as visitas, sejam exibidos vídeos históricos, com as imagens de fuga em 1944 e a chegada dos suábios ao Brasil em 1951, por exemplo. As fotografias que retratam a história desde 1920 têm como propósito oferecer uma experiência vivaz a todos os visitantes.

⁴ Disponível em <http://www.suabios.com.br/historico>. Acesso em: 03 jun. 2020.

Os objetos conservados pelo MH foram arrecadados na comunidade de Entre Rios e também no exterior, através de doações ao longo das décadas. Em 2012 é a terceira vez que o MH ganha um novo espaço. O primeiro Museu Histórico foi inaugurado durante as comemorações de 20 anos de Entre Rios (1971), o segundo nos 40 anos (1991) e já o terceiro e atual foi quando se comemorava os 60 anos do distrito (2012). O acervo constitui-se de roupas, móveis, utensílios, pelos quais ressoa a narrativa da vida, da história e da cultura dos suábios. Desse modo, o visitante pode interagir com a exposição, e é levado a construir uma representação imaginária do cotidiano e do trabalho em conjunto daquele povo, durante aquela época.

Ainda o museu: movimento analítico e efeitos de sentidos

O Museu Histórico de Entre Rios é um lugar de memória dos e para os suábios, ele foi reinaugurado em 2012, quando a imigração completou 60 anos, festejando o povo suábio em terras brasileiras, mais especificamente na colônia Vitória, com uma ampla estrutura, oferecendo aos visitantes um acervo que possibilita trazer presente por um discurso *de* (rememoração) que corresponde ao que sustenta e ancora o que é dito sobre o processo histórico e sobre as condições de vida na “Velha Pátria” dos suábios.

Nesse funcionamento, o MH faz parte da cidade, pois de certa forma ‘gerencia’ a memória de uma etnia migrante, tendo o comprometimento de recuperar tradições, festas populares, credences, culinária, costumes que permitem a construção de um imaginário sobre os suábios como povo, ressoando efeitos de sentidos polissêmicos. Por meio do acervo exposto no museu é possível recuperar o percurso da etnia suábia até o distrito de Entre Rios. Fundamentados em Venturini (2009) destacamos que os discursos que ressoam do museu encaminham para a constituição de sujeitos, representados na ordem do imaginário como idealizados, apagando dificuldades, fracassos, sofrimentos. Essa narrativa pauta-se na idealidade de um povo. É possível mostrar, a partir dos processos discursivos, especialmente pelas redes parafrásticas, essa construção discursiva.

Embora busque assemelhar-se da verdade acerca do passado e da organização da vida dos suábios, o Museu Histórico de Entre Rios é um espaço

construído por sujeitos filiados a uma Formação Discursiva e, nesse aspecto, ressaltamos que a história foi contada por pessoas que possuem vínculos à etnia alemã suábica, esses que são responsáveis pelo discurso existente no museu.

O documentário destaca o MH por meio de uma entrevista com a curadora, que discorre acerca do espaço, enfatizando a comunidade de Entre Rios que sempre se preocupou com a preservação de todo o percurso, história e tradição dos suábios. É recorrente na fala da curadora, a preocupação em organizar a história da imigração dos suábios do Danúbio no Brasil e, também, no Distrito de Entre Rios, para que fosse mais bem compreendida. Desse modo, o MH está organizado de forma cronológica, iniciando com o período imigratório dos suábios do Danúbio, dessa comunidade germânica, onde eles colonizaram as margens do rio Danúbio, na Hungria, na Croácia, na Sérvia, na Romênia, depois para o período pós-guerra, logo para o período em que eles viveram na Áustria, a vinda para o Brasil, destacando esse processo, chegando até os dias atuais, contando como é o desenvolvimento do distrito.

Nesse sentido, destacamos a sequência discursiva (SD) recortada do documentário “Museus, arquivos: lugares de memória no/do espaço urbano” (2016), por entendermos que a partir da seleção de determinados objetos para a exposição, os efeitos de sentidos deslizam para a memória dos suábios como sujeitos vencedores, que sempre se dispuseram ao trabalho de forma coletiva:

SD 1

[...] todo esse material ele é constantemente selecionado, a partir do momento que nós definimos o roteiro da exposição, como se comporia essa exposição, a gente então define quais os objetos que ilustram as passagens que nós estamos mostrando para o nosso visitante.

Fonte: Documentário “Museus, arquivos: lugares de memória no/do espaço urbano” (2016) aos 18:08. Disponível em: <https://ead.unicentro.br/documentario-museus-arquivos-lugares-de-memoria-do-espaco-urbano-2/>

Os museus fazem parte da cidade e podem ser compreendidos como gerenciadores do saber urbano, pautando-se no comprometimento social e histórico. Nesses lugares, há um planejamento e uma seleção prévia dos materiais expostos, e por esses materiais ressoam memórias e saberes, constituídos pelas materialidades das cidades, em sua ordem, organização e na discursivização, que relacionam os

sujeitos e os sentidos, encaminhando para sentidos outros, com possibilidade de os sentidos encaminharem para o novo (o polissêmico), fazendo dos museus espaços abertos.

Pela sequência selecionada produz-se o efeito de sentido de que os funcionários que ali trabalham possuem vínculos com a língua alemã e com a história dos suábios e, desse modo, estão interpelados pela ideologia, o que significa que estão inseridos em uma formação discursiva a que se assujeitam. Essa ligação leva-os ao imaginário do pertencimento a um lugar social, de onde dizem, transformando-os em interlocutores, se associando a uma formação social, interpelados ideologicamente pelo lugar que ocupam.

Dessa maneira, leva-nos a destacar que as diferentes formas de selecionar as materialidades discursivas, estruturadoras do museu dependem da filiação dos sujeitos em FDs, responsáveis pela organização deste lugar, por meio de gestos de interpretação. Neste movimento de escolhas, os efeitos de sentidos são produzidos, retomando determinados discursos e memórias, enquanto outros serão silenciados. De acordo com Venturini (2009, p. 69):

[...] as visibilidades e os apagamentos efetivados não são da mesma ordem, visto que cada instituição, apesar de ter o mesmo objeto discursivo, funciona diferentemente: os sujeitos investidos da posição de locutores ocupam diferentes posições-sujeito e são afetados por formações discursivas heterogêneas. A memória que as constitui e a emergência da formação social faculta a transformação de um lugar material em lugar de memória pelo arquivo. Há um processo seletivo de constituição do arquivo, que evidencia ou silencia e apaga fatos, de acordo com a inscrição do sujeito responsável pelo dizer, a uma ou outra formação discursiva que invade a formação discursiva da rememoração/comemoração.

O MH é inteiramente dedicado à antiga pátria do povo suábio, aqueles que habitaram diferentes regiões do Rio Danúbio. O vasto acervo contribui para a narração da história de vida e de superação destes povos, produzindo efeitos de verdade e homogeneidade, materializando o discurso de/sobre ser suábio na “Nova” Pátria. No MH os objetos em evidência discursivizam, em grande maioria, o discurso de um povo trabalhador, persistente e vencedores pelo trabalho.

A organização do MH constitui-se pela instalação de móveis, documentos, utensílios, fotos, objetos, com o intuito de recuperar os sentidos de “Velha Pátria”,

retomando frases, dizeres e fragmentos da história dos imigrantes e como o percurso da formação das colônias de Entre Rios, ressaltando a força cooperativista do trabalho com a agricultura. O ambiente é padronizado aos moldes clássicos, mas possui modernidade, oferecendo aos sujeitos-visitantes a interação por meio dos jogos interativos, como o *quiz*, um jogo de perguntas e respostas sobre a colonização suábica em Entre Rios. Ao que tudo indica o gerenciamento deste patrimônio, trabalha com a repetição dos discursos imigratórios, aqueles que sofrem, passam por percalços, trabalham, no entanto, conquistam a “Nova” Pátria, representando-os como figuras heroicas.

Nesse sentido, podemos perceber a prática comemorativa como um meio de enquadramento da mente humana. É através da seleção de tais elementos que se institui o discurso museológico, objetivando aguçar os sentimentos que se conservam na memória, direta ou indiretamente registrados. Tanto as memórias individuais, quanto as coletivas, são construções que estão sujeitas a transformações e flutuações.

SD2

[...] o museu contribui paralelamente na conservação da história, porque hoje o distrito ele é desenvolvido, ele tem indústrias, ele gera empregos, então de certa forma o museu ele contribui contando a origem de toda essa comunidade que faz parte do município de Guarapuava. Assim como, o museu contribui para a preservação da história do distrito e contribui para a preservação da história de Guarapuava, nós também contamos com esse espaço para homenagear essa trajetória que os nossos pioneiros tiveram, então nós sentimos orgulho de poder presentear essas pessoas e que elas possam vir para cá e perceber a construção que eles tiveram e o quanto a gente valoriza isso ainda hoje em dia.

Os enunciados propagados no MH, bem como os discursos de Schussler, na posição de curadora do museu, apontam um caráter de sujeito porta-voz do museu, salientando e discursivizando a herança dos suábios, que traz orgulho. Este sujeito porta-voz destaca a importância social do museu, porque ele retrata e preserva a história desta etnia.

Na SD2, há a repetição do termo “preservação” que significa um dos discursos evidenciados pelo MH. O primeiro posicionamento diz respeito à relação entre o museu, o espaço público e os visitantes, instaurando uma “certa verdade” decorrente das narrativas vitoriosas dos suábios. Assim, o sujeito visitante do museu é levado a se inscrever em uma FD específica: na dos suábios como

vencedores. Nessa SD, especifica-se que a finalidade é manter em solo brasileiro a língua, a tradição, a cultura e a cultura agrícola. Como se vê, no museu é diferenciada a cultura que entendemos como letramento/escolarização e a cultura referida à terra, ao que é plantado.

O MH, então, ressoa o discurso de união, força, trabalho, de tradição e perseverança dos quais os suábios reconstruíram o seu percurso e destino. Os efeitos de sentidos viabilizados em torno deste museu iniciam-se pela nomeação de “histórico”, que faz ressoar efeitos de veracidade, uma vez que a História comprova-se através de documentos. O museu apresenta vasto acervo de uma história que inclui uma grande quantidade de peças e documentos, o discurso parece saturado e completo, porém é ilusório pensar que a história de um grupo pode ser abarcada em sua integralidade num espaço memorial.

SD3

- “Este espaço é dedicado à preservação e divulgação do exemplo deixado pelos suábios do Danúbio que, na união, no trabalho, na tradição e na perseverança reconstruíram seu próprio destino” - Entre Rios, 05 de janeiro de 2012.

Fonte: Enunciado de placa afixada no Museu Histórico de Entre Rios.

Na SD3, novamente a palavra “preservação” é repetida, apontando para o objetivo do museu que é a “manutenção”. O interesse está na preservação e divulgação do exemplo deixado pelos suábios do Danúbio e esse exemplo coloca-se em relação à união, ressoando as cooperativas, o trabalho conjunto, ainda mais que essa união se refere ao trabalho, à tradição e à perseverança, que vem determinada: “no trabalho, na tradição e na perseverança reconstruíram seu próprio destino”.

Vê-se que a palavra “tradição”, presente na SD3, tem muita força e produz sentidos, funcionando como modelo às novas gerações e salientando a importância de conservar as raízes suábias. Nesse caso, o MH é um local no qual as tradições serão acondicionadas evitando um possível esquecimento, assim, fazendo-o lembrar sempre.

A SD3 compõe-se do enunciado de uma placa afixada no MH em comemoração aos 60 anos da etnia suábica no distrito de Entre Rios. Este enunciado representa o espaço urbano, e traz para o fio do discurso a contemporaneidade, o já-dito e a memória. A contemporaneidade significa por meio daquilo que ficou para

trás: “superaram desafios”, “acreditaram em um futuro melhor”. Desse modo, a comemoração significa pela rememoração, pois é através da comemoração que se tem o sentido.

Considerações finais

Neste trabalho, para responder à questão norteadora – “Como os espaços [museológicos] contribuem para a construção da memória coletiva da cidade?” –, analisamos três sequências discursivas, a primeira e a segunda são discursos da curadora do Museu Histórico de Entre Rios (MH), Viviane Schussler, recortadas do documentário “Museus, arquivos: lugares de memória no/do espaço urbano” (2016), já a terceira sequência compõe-se de um enunciado recortado de uma placa de comemoração dos 60 anos da etnia suábica no Distrito de Entre Rios, afixada no MH.

Essas sequências discursivas (SDs) revelaram a grande preocupação do Museu Histórico de Entre Rios em preservar e comemorar a história da etnia suábica, além de se tornar um lugar de memórias para o distrito quanto para a cidade de Guarapuava, assim funciona como um espaço de rememoração/comemoração.

O Museu Histórico de Entre Rios concentra a maior parte histórica dos suábios, porém de maneira fragmentada em território brasileiro, pois pelo viés discursivo, entende-se que a língua falha e falta, assim o trabalho da língua na história ocorre a partir de sujeitos inscritos em uma formação discursiva (FD), que determina o que deve ser dito/exposto/arquivado, portanto a completude é uma ilusão.

Os objetivos elencados foram: (i) compreender como o espaço-museu especificamente o Museu Histórico de Entre Rios, contribui na construção da memória coletiva da cidade, da colônia Entre Rios; (ii) analisar o discurso do museu através dos materiais e acervos expostos para compreender como representam a identidade de um povo; (iii) analisar o discurso de Viviane Schussler presente no documentário “Museus, arquivos: lugares de memória no/do espaço urbano” (2016), pensando em como esses dizeres ao serem significados estão representando a cidade Guarapuava, a colônia Entre Rios e o povo suábico.

Os suábios do Danúbio empreenderam uma caminhada histórica narrativizada por condições adversas, mas sempre vencidas. As condições adversas circulam em

(dis)curso e funcionam pelas marcas da etnia, ressoando a luta e a resistência. Trata-se do anseio pela terra e busca pela manutenção/reforço da tradição, por meio de práticas sociais de imigração, nas quais o Brasil é designado de “Nova Pátria”. A vinda desses sujeitos para o Distrito de Entre Rios obedeceu ao projeto proposto, que beneficiou tanto o povo suábio, como o governo brasileiro, representado por Getúlio Vargas, o qual possuía interesses econômicos, pois colocavam em prática os investimentos nas produções de trigo.

O distrito Entre Rios e os discursos veiculados no MH, observados pela análise das SDs, mobilizam a paráfrase da “Antiga Pátria” (Suábia) à polissemia de uma “Nova Pátria” (Brasil), tanto a comunidade como o Museu Histórico de Entre Rios trabalham com a relação de rememoração/comemoração da Imigração Suábia, assim temos esse museu como lugar de memória, que produz uma ilusão da estabilização de um discurso primeiro, de origem fundante, que deve ser respeitado e repetido, assim o efeito de sentido que o MH promove é da veracidade da história dos suábios, interpelando o sujeito visitante a acreditar que não existe outra vertente de toda a trajetória, pois através desse discurso ele apaga e silencia as dificuldades enfrentadas pela etnia, evidenciando apenas o sucesso e a resistência do povo suábio, tornando-os vencedores.

O Museu Histórico de Entre Rios, embora constitua evidências de possíveis verdades acerca do passado e da organização da vida dos suábios, constitui-se em espaço construído por sujeitos filiados a uma formação discursiva. Convém ressaltar, diante disso, que a história foi/é contada por sujeitos pertencentes à etnia alemã suábia, o que significa que eles assumem a responsabilidade pelo dizer (PÊCHEUX, 1997), quando dizem ‘eu’, instituem a filiação e o pertencimento no discurso museológico, no museu histórico. A sustentação desse discurso vem de um discurso *de* – como memória (VENTURINI, 2009), ressoando discursos e memórias de fundação preservado no museu, que funciona a comemoração e se significa. Desse modo, trata-se de lembrar e comemorar para não se esquecer.

As sequências discursivas recortadas possibilitam dizer que os discursos veiculados, especialmente no MH, e a prática comemorativa funcionam como mecanismo de ‘enquadramentos’ ideológicos, pelo que circula, pelo modo de dizer e construir arquivo. Portanto, o discurso museológico do Museu Histórico de Entre Rios assenta-se na conservação da memória, registrando acontecimentos que sustentem

uma pátria suábica no Brasil. As memórias coletivas são construções sujeitas a transformações e flutuações, pois é por meio da rememoração/comemoração da sociedade que se viabiliza a movimentação dos discursos do MH para outros espaços discursivos, consolidando a memória, que quando comemorada passa a ser também coletiva, não mais somente institucionalizada.

Diante disso, ressaltamos o papel do Museu Histórico de Entre Rios, um espaço construído para que os suábios não percam o vínculo com a etnia alemã, neste sentido o MH, através dos discursos, incorpora o Brasil como uma “Nova Pátria” para que a “Velha Pátria” não seja esquecida, através das exposições faz com que haja essa ilusão dos costumes da etnia alemã instaurada no Brasil.

Referências

- BERNARDIM, Adriana Cristina. *Colônias suábicas em Guarapuava e o efeito discursivo da memória no espaço de imigração: entre a “Velha” e a “Nova” Pátria*. Dissertação de Mestrado em Letras: Interfaces entre estudos linguísticos e literários. Universidade Estadual do Centro Oeste – UNICENTRO. Guarapuava, PR: UNICENTRO, 2013.
- DOCUMENTÁRIO: *Museus, arquivos, lugares de memória do/no espaço urbano*. Produção Anderson Costa, Patrícia Maria Bonato, Maria Cleci Venturini. Produção NEAD Unicentro e Laboratório de Estudos Linguísticos e Literários- (PPGL), 2016. Disponível em: <https://ead.unicentro.br/documentario-museus-arquivos-lugares-de-memoria-do-espaco-urbano/>. Acesso em: 16 mar. 2020.
- ORLANDI, Eni P. Discurso e museus: da memória e do esquecimento. *Entremeios*. v. 9, jul. 2014. Disponível em: <http://www.entremeios.inf.br>. Acesso em: 15 nov. 2020.
- ORLANDI, Eni P. *Análise do discurso: princípios e procedimentos*. 6. ed. Campinas, SP: Pontes, 2005.
- PÊCHEUX, Michel (1969). *Análise Automática do Discurso (AAD-69)*. In: GADET, Françoise; HAK, Tony (Org.). *Por uma análise automática do discurso: Uma introdução à obra de Michel Pêcheux*. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2014.
- PÊCHEUX, Michel. (1975). *Semântica e discurso: uma crítica à afirmação do óbvio*. 3. ed. Trad. Eni P. Orlandi [et al]. Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 1997.
- PÊCHEUX, Michel. (1990). *O Discurso: Estrutura ou Acontecimento*. 7. ed. Trad. Eni P. Orlandi. Campinas, SP: Pontes Editores, 2002.
- PÊCHEUX, Michel; FUCHS, Catherine. A propósito da análise automática do discurso: atualização e perspectivas (1975). In: GADET, F.; HAK, T. (orgs.). *Por uma análise automática do discurso: uma introdução à obra de Michel Pêcheux*. 3. ed. Trad. Bethania S. Mariani [et al]. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 1997.

TEIXEIRA, Maria Cláudia. A memória e a história a partir de museus e da constituição de arquivos em torno do espaço urbano. *Revista Estudos Linguísticos*, São Paulo, n. 46, v.03, p. 932-947, 2017.

VENTURINI, Maria Cleci. *Imaginário urbano: espaço de rememoração/comemoração*. Passo Fundo, RS: Editora da Universidade de Passo Fundo, 2009.

Recebido em: 03/06/2021

Aceito em: 21/10/2021

RE-UNIR